

Um País do Futuro com Febre-amarela O
Brasil em relatos de viajantes suíços

Jeroen Dewulf

Estudos em Homenagem a Luís António de Oliveira Ramos
Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2004, p. 489-498

Um País do Futuro com Febre-amarela O Brasil em relatos de viajantes suíços^x

Jeroen Dewulf

O "New Historicism" habituou a que se utilizassem relatos de viagem como fonte de pesquisa científica pelo que se tornou actualmente numa prática muito comum. No entanto, nem sempre foi assim. Durante muito tempo, tais relatos foram considerados demasiado subjectivos para serem credíveis aos olhos de uma ciência que (ainda) acreditava na objectividade. Pelo menos desde Hayden Whites *Tropics of Discourse* (1986), sabemos que, por mais rigoroso e sistemático que o historiador possa ser, o modo de escrever nunca atinge a neutralidade total. Deste modo, foram desaparecendo muitos preconceitos para com relatos de viagens. Um dos primeiros historiadores a trabalhar com relatos de viajantes foi Francis Parkman, ao tratar da presença francesa no Canadá na sua obra *Pioneers of France in the New World* (1865). Foi sobretudo depois da Grande Guerra que o interesse por parte de historiadores em utilizar tais relatos aumentou e especialmente ao nível da historiografia colonial. Essenciais neste âmbito foram também as novidades introduzidas nos anos cinquenta pela escola francesa dos „Annales", que se virou ferozmente contra a tendência de limitar a historiografia a assuntos políticos. Alguns dos seus protagonistas tais como Lucien Febvre, Fernand Braudel, entre outros, pretendiam escrever a „totalidade histórica", introduzindo na historiografia um profundo interesse por aspectos económicos, sociais e culturais. Assim, os relatos de viajantes passaram a ser considerados fontes únicas de informação pormenorizada. No presente artigo pretende-se transmitir uma imagem do impacto que teve a febre-amarela no Brasil em finais do século XIX., com base em relatos de viajantes suíços.

„Ir ao Rio é suicidar-se." Este aviso não tem nada a ver com impiedosos assaltantes, brutais agressores ou bandos criminosos que vagueiam pelas ruas da „Maravilhosa". Trata-se sim de uma expressão que se pode encontrar em quase todos os relatos de viajantes estrangeiros de há precisamente um século atrás e que se refere ao medo que reinava na então capital brasileira devido aos sucessivos surtos de febre-amarela. Esta doença misteriosa, que se pensava preferir o cair da noite para atacar, era um flagelo para as cidades costeiras do Brasil e principalmente para o Rio. O ano de 1850 foi dramático, com mais de 10.000 mortos, só no Rio de Janeiro, mas também ao longo da década seguinte, em 1851 (465 mortos), 1852 (1.943 mortos), 1853 (850 mortos), 1860 (1.249 mortos) e 1861 (259 mortos) a doença arrasou a cidade. Em 1895/96 a doença vitimou a tripulação inteira - composta exclusivamente por jovens robustos, fortes e saudáveis - e mais de 200 passageiros do contratorpedeiro italiano *Lombardia*, instalando o pânico nas ruas do Rio: „Les étrangers fuyait la ville comme la peste dans le vrai sens du mot", conta Albert Gertsch. (Gertsch 1929:26) Porém, em poucos anos descobrir-se-ia a causa da doença, e em nome da Ordem e do Progresso, o combate *ao Aedes aegypti* ou *Stegomyia fasciata*, vulgo, o mosquito da febre-amarela, começaria.

* Universidade do Porto, Faculdade de Letras.

¹O presente texto insere-se no Projecto "Interculturalidades" do Instituto de Literatura comparada M. Losa da FLUP, Unidade de I&D Financiada pela Fundação para a Ciência e Tecnologia, no âmbito do Programa POCTI.

A doença chegou em meados do século XIX ao Brasil, provavelmente através de um cargueiro de escravos, vindo da costa africana. Os médicos pouco podiam fazer contra a febre que atingia sobretudo jovens de raça branca e deste modo colocou-se um enigma perante a comunidade científica. Por analogia à peste, a primeira reacção era criticar a falta de higiene nas grandes cidades portuárias. Neste sentido, pode-se considerar típica a reacção do jovem emigrante Leonhard Schär porque ao desembarcar no Rio, ainda a caminho de uma colónia suíça chamada "Helvetia", relata: "Ali havia uma enorme porcária. Não é de estranhar que lá haja todo o tipo de epidemias; nós vimos até como se lançava a partir do quarto andar o lixo para as ruas".²

A ideia da falta de higiene combinava-se frequentemente com outra mais antiga, a de ares tóxicos. De facto, outra doença, também provocada por mosquitos, a malária, foi durante muito tempo explicada como sendo o efeito de ares impuros, daí o nome italiano da doença: „male ária". Assim, a causa da febre-amarela residia supostamente numa combinação de lixo e calor, que impregnaria os ares. Isto mesmo suponha Johann Jakob von Tschudi quando chegou a Salvador da Bahia:

Que desilusão para aquele, que ainda há poucos minutos admirava a vista maravilhosa da cidade a partir do navio e que agora chega à terra! Como é grande o contraste entre o sublime e o sujo. [...] As ruas paralelas à avenida principal são estreitas, sujas e provocam ares mefíticos que incomodam a qualquer estrangeiro recém-chegado. De facto, não é de estranhar que esta cidade seja um dos centros brasileiros de todo o tipo de febres.³

Só que, para os cientistas era claro que lixo, calor e ares só por si nunca podiam ser a verdadeira causa da doença. De facto, na Ásia, havia dezenas de cidades portuárias onde a situação higiénica era ainda mais dramática do que no Rio de Janeiro e lá nunca tinha havido nem um único caso de febre-amarela. E havia outros factos a tomar em consideração: os que morriam eram geralmente europeus recém-chegados. Havia, portanto, um factor de resistência ou até de imunidade e este era claramente mais forte junto da população de origem africana. Para além disso, constatava-se que quanto mais longe os navios ficavam da costa, menos casos de febre havia. O mesmo acontecia no que dizia respeito à altura: quanto mais elevado o ponto geográfico, menos casos de febre-amarela. A consequência era que as famílias abastadas trocavam o Rio por Petrópolis, uma cidade a 800 metros de altura, onde, em tempos, o imperador D. Pedro tinha construído o seu palácio de verão. Junto dos chamados „diários de Petrópolis", que durante o dia trabalhavam no Rio e antes do cair da noite voltavam de comboio a Petrópolis, não se registou nenhum caso de febre-amarela. Deste modo, a crença popular de que a febre amarela atacava durante a noite, via-se confirmada. Surgiram então as mais variadas teorias sobre a causa da doença: pensava-se em águas contaminadas, já que era notório que o número de casos aumentava na proximidade de zonas pantanosas. O cientista brasileiro Domingos Freire defendeu que a verdadeira causa da doença era um micróbio, ao qual deu o nome de „Cryptococcus xanthogenicus". O seu colega João Baptista de Lacerda tentou provar que era, antes pelo contrário, um tipo de fungo, o „Fungus cogumello", que causava a doença, enquanto o mexicano Carmona y Valle, por sua vez, pensou ter descodificado o enigma ao avançar com a sua teoria de um bolor chamado „Peronospora lutea". O próprio Tschudi, que era médico e antigo aluno do famoso cientista Louis Agassiz, fez durante a sua estadia no Rio pesquisas sobre uma possível relação entre a febre amarela e a quantidade de ozono na atmosfera. Porém é numa carta de 1860, que escreveu ao seu irmão Friedrich, que notámos como Tschudi estava perto de desvendar o mistério: „Os selvagens aprenderam com a prática que ter muitas plantas perto da casa é prejudicial, já que estas atraem os insectos alados".⁴ Foi só em 1884 que o cubano Charles

² „Da herrschte die grösste Schweinerei. Wenn schon Seuchen aller Art hier gewiithet haben, man muss sich dariiber nicht wundern; wir konnten selbst zusehen, wie man den Kehrriht aus dem 4. Stock eines Hauses auf die Gasse warf." (Schär 1892:12)

³ „Wie bitter ist die Enttäuschung für den, der noch wenige Minuten friiher auf Deck des Schiffes versunken im wunderbaren Anblick der Stadt gestanden und min ihre Strassen selbst betritt! Welch ein Contrast von Erhabenen zum Schmutzigen. [...] Die von der mit dem Ufer parallel laufenden Hauptstrasse abgehenden Quergassen sind enge, schmutzig und belästigen den neuangekommenen Fremden durch ihre mephitischen Diinste. Man darf sich wahrlich nicht wundern, dass hier ein Hauptfieberherd Brasiliensist" CTschudi 1869=1971:1.39)

Finlay estabeleceu uma ligação directa entre a febre-amarela e um tipo de mosquito ao qual deu o nome de „Culex mosquito". No entanto, passar-se-iam mais vinte anos até que o mundo da ciência se desse conta da importância desta descoberta.

Um dos relatos de viajantes suíços em que a febre-amarela ataca com toda força é a *Naturforscherfahrt* de Emil Göldi. Göldi - mais conhecido pelo seu nome abreviado Emílio Goeldi - era na altura responsável pelo Museu da Natureza e Etnografia de Belém. Em 1895 Göldi organizou uma viagem de pesquisa ao Amapá, uma região que, naquela altura, ainda era disputada entre a França e o Brasil. Ao fim de poucas semanas, vários membros do seu grupo ficaram doentes e a sua situação piorava de hora para hora. Para controlar o medo, Göldi mantém-se intelectualmente activo. Assim, passam-lhe pela cabeça as possíveis causas desta estranha doença, dando-nos um apanhado geral das hipóteses que naquela altura circulavam no mundo da ciência medicinal. Göldi começa por desconfiar do clima: "O período mais insalubre são as últimas semanas da estação seca, portanto, exactamente a época em que nós estávamos lá".⁵ Depois muda para a água dos pântanos: "A causa principal desses males deve residir no facto de os rios e lagos se estarem a enlamear, fazendo assim baixar de forma espantosa a quantidade de água à superfície."⁶ Mesmo assim, Göldi não exclui as hipóteses tradicionais, nomeadamente os ares tóxicos e a falta de higiene: "Para além destas grandes quantidades de lamas causarem miasmas que dificultam a vida às pessoas, elas mesmas pioram as coisas pelo seu incrível desleixo, pela falta de higiene pessoal e pela ignorância."⁷ Enquanto tenta dominar o seu medo da doença com base num pensamento racional, Göldi coloca a causa da mesma exactamente na falta de racionalidade. Relaciona então esta sua convicção com uma das hipóteses mais modernas da sua época em relação à febre-amarela, a da água potável intoxicada:

Em vez de construírem um poço de cegonha, contentam-se com um simples buraco na terra que não tem nenhuma protecção contra misturas e todo o tipo de poluição. É chocante ver como se encontram mito frequentemente retretes, montantes de lixo e cisternas à beira dos poços de água.⁸

A seguir, muda de novo para os tradicionais ares e desta vez, relaciona-os até com cadáveres:

Ninguém se preocupa em arrumar cabeças e tripas de peixe, todo o tipo de lixo, de gado abatido, etc. Lá, onde estas coisas caem no chão, ficam e putrefazem-se. Havia assim, dependendo do vento, um mau cheiro horrível. Nos cemitérios, constatámos claros indícios de uma falta de cuidado no enterro dos mortos.⁹

Como última hipótese, ainda avança com os hábitos alimentares:

A alimentação popular não é suficiente e é completamente desequilibrada. Comem diariamente

⁴ „Die Erfahrung hat aber die Wilden gelehrt, dass eine reiche Vegetation in der Nähe der menschlichen Wohnstätten ungesund ist, ganz abgesehen von der dadurch geförderten Plage der geflügelten Insekten". (cfr. Schazmann 1956:161)

⁵ "Ais ungesundeste Periode gelten die letzten paar Wochen der trockenen Jahreszeit, also gerade die Zeit, während wir dort waren." (Göldi 1898:88f.)

⁶ "Der oben mehrfach geschilderten, in grossen Massstabe sich fühlbar machenden Verschlammung der Flüsse und Seen, der ungläublichen Verringerung der Wasseroberfläche wird die Hauptschuld an diesem Übelstande zugeschrieben werden müssen." (Göldi 1898:89)

⁷ "Wenn nun schon die Natur durch die diesen ungeheuren Schlammsammlungen entstehenden Miasmen dem Menschen die Existenz erschwert, so verschlimmert sich derselbe sein Los selbst noch in ganz erheblichem Grade durch Nachlässigkeit, Unreinlichkeit und Unwissenheit" (Göldi 1898:89f.)

⁸ "Statt einer regelrechten Ziehbrunnen anzulegen, begnügen sie sich mit einem Loch in der Erde, das in keiner Weise gesichert ist gegen Beimischungen und Verunreinigungen aller Art Aborte, Kehrichthaufen und Cisternen liegen in der Regei in emporender Nachbarschaft." (Göldi 1898:90)

⁹ "Köpfe und Eingeweide von Fischen, Abfälle aller Art von Schlachtvieh etc. auch nur einige Schritte weit wegzutragen, nimmt sich niemand die Mühe; gerade da, wo diese Dinge zufällig hinfallen, bleiben und verwesen sie. Zeitweilig war, je nach dem Lufitzug, ein unsäglich Gestank zu verspüren. Auf den Friedhöfen fanden wir unzweifelhafte Anzeichen von mangelhafter Bestattung der Toten." (Göldi 1898:90)

"bagre" e „gorí juba" - dois pratos feitos a base de um peixe pesado da família dos siluróidos - acrescentado apenas de alguma „farinha d'água", sempre feita da mesma maneira. Isto a longo prazo deve dar cabo até do estômago mais forte.¹⁰

É de notar que Göldi não se pergunta porque os seus colaboradores, que, afinal de contas estão lá apenas há poucas semanas e levam uma vida „racional", acabam por se encontrar numa situação de saúde muito pior do que os habitantes locais. Talvez possa ser interpretado como um sinal de fraqueza por parte de Göldi, como um reconhecimento indirecto de que o seu raciocínio não o levava a lado nenhum. Os pensamentos pelo menos ajudaram a passar os últimos dias. Finalmente chega um navio de salvamento, vindo de Belém. Enquanto Göldi embarca as „ruínas" (sic) da sua expedição, surgem-lhe de repente ideias que já não são nada racionais: „Embora deste Amapá, deste pedaço infeliz das Guianas, onde o anjo exterminador carimba o sinal da pestilência nas testas!"¹¹

Apropria cidade de Belém foi durante muito tempo considerada perigosa para europeus devido à febre-amarela. O escritor Arhur Heye, que em 1929 colaborou na realização de um dos primeiros filmes sobre o Amazonas, menciona no seu diário que ali „em 1918 quase todos os europeus sucumbiram à febre-amarela".¹² Porém, mais do que a qualquer outra cidade brasileira, era ao Rio de Janeiro que se associava a febre-amarela. No início do século XX, a cidade até passou a ser portadora do assustador título de „Cemitério europeu da América Latina". Um dos mais destacados suíços que residiu no Rio durante aqueles anos, era o comerciante milionário Ferdinand Schmid, que escrevia também poemas sob o pseudónimo de „Dranmor". Um dos seus mais famosos poemas tem um título português e chama-se exactamente „Febre-amarela". Nele, Dranmor apresenta a doença como uma vingança africana: „Cuspidos da costa da Guiné, / cujos pobres filhos lhe eram roubados, / vós que nunca acreditastes na vingança / agora vedes realizados vossos desejos demoníacos". Esta vingança, porém, não é justa, pois não melhora a situação dos escravos e também não mata os verdadeiros culpados: „Mas só raramente quebra / com um punho forte as correntes dos escravos, / ela deixa de lado as camas dos algozes, / só não poupa os visitantes estrangeiros".¹³ Por isso, neste poema de Dranmor, o homem germânico é tudo menos um „Herrenmensch", pois são os nórdicos que mais facilmente morrem. „O inocente paga pelo crime, / aqui, não consegue escapar, / o filho loiro do Norte inclina-se suplicando / junto aos pés do anjo da morte!"¹⁴ Os ideais germânicos desaparecem como neve pelo sol tropical: "Cheio de coragem saiu pelo mundo fora / o jovem - e a primeira viagem / não lhe poupou da desilusão, / dos olhos encovados e das faces pálidas, / desde que ela te apanhou / caíste num campo de batalha sem glória nem honra, / pois perante epidemias não há como lutar, / quando a sorte desaparece".¹⁵ São atingidas aqui duas das marcas mais típicas do homem nórdico: os olhos azuis tornam-se encovados e as faces vermelhas ficam pálidas. O sangue germânico - elemento central das teorias raciais do século XIX - não resiste à febre-amarela.

Uma ideia parecida encontra-se na obra *Malária psychoses and neuroses* (1929) do neurologista e médico no exército britânico William K. Anderson. Neste seu estudo - um dos clássicos da literatura racial da época - Anderson tenta „provar" a superioridade da raça branca com base na malária.

¹⁰ "Die volkstümliche Nahrung ist überhaupt eine unzureichende und unpassende. Jahraus und jahrein „bagre" und „gori juba" - zwei Repräsentanten der mit einem durchwegs schweren Fleisch ausgestatteten Familie der Welse (Siluroiden) - ohne andere Zuthat als Farinha d'água' zu geniessen, stetsfort in derselben einförmigen Weise zubereitet, das muss den gesunden Magen mit der Zeitherunterbringen." (Göldi 1898:91)

¹¹ „Fort von Amapá, diesem unglücklichen Strich Guyanas, dem der Würgengel das Pestilenz-Brandmerk auf die Stirne gedrückt!" (Göldi 1898:91)

¹² „Noch im Jahre 1918 sind buchstäblich fast alle Europäer am Gelben Fieber zugrunde gegangen." (Heye 1929:78f.)

¹³ "Ausgespien von Guineas Kiiste, / Deren arme Kinder ihr geraubt, / Ihr, die an Vergeltung nie geglaubt, / Stillt er jetzt dämonische Geliiste; / Aber selten bricht / Er mit kecker Faust des Slaven Ketten, / Geht vorbei an der Henker Betten, / Nur die fremden Gäste schont er nicht" (Dranmor 1876:26ff.)

¹⁴ „Für den Frevel muss die Unschuld biessen, / Hier ist Untergang ihr sicherer Lohn, / Flehend kriimmt des Nordens blonder Sohn, / Todesengel! sich zu deinen Füßen;" (Dranmor 1876:26ff.)

¹⁵ „Muthvoll in die weite Welt gegangen / War der Jiingling - und die erste Fahrt / Hat ihn vor Enttauschung nicht bewahrt, / Nicht vor hohlen Augen, fahlen Wangen, / Seit er dich erreicht / Schlachtfeld ohne Ruhm und Ehre, / Denn vor Seuchen schützt keine Wehre, / Wenn das Glück von seiner Seite weicht" (Dranmor 1876:26ff.)

Alega que as raças que vivem em regiões onde existe malária, são por natureza mais passivas, mais melancólicas e menos inteligentes que outras. Através da malária, Anderson tenta até explicar a evolução da história; assim, o declínio da Grécia, p.ex., teria tido a sua origem num surto de malária, vindo do Egipto. A conclusão de Anderson é que o povo britânico, como povo „superior“, deveria evitar contactos com regiões afectadas pela malária. Assim sendo, é com base em argumentos claramente racistas que Anderson critica o colonialismo. No poema de Dranmor, a ideia básica é parecida: o facto dos africanos terem sido levados para outro continente fez com que lá surgisse uma doença mortífera, matando depois aqueles europeus, que também deixaram o continente „que lhes pertence“, pois o seu sangue - por mais „puro“ e „superior“ que seja - não sabe como combater um inimigo de outro continente.

Saber se havia ou não regiões no mundo que, por razões biológicas, deveriam ser evitadas por parte de europeus, era uma questão crucial para a época. De facto, todo o projecto da colonização se baseava na „superioridade“ europeia, não só no sentido tecnológico, mas também no que dizia respeito à religião e à raça. Só que, se a raça branca fosse realmente a mais avançada e, por isso, aquela que estava mais próximo de Deus, como então se podia explicar a morte de tantos brancos nos trópicos enquanto os negros resistiam bem às febres?¹⁶ E ainda, não era a imunidade dos africanos uma prova de que Deus colocou as raças „certas“ nos lugares „certos“ e que, portanto, o homem não tinha nada que interferir nesta ordem divina?¹⁷ Não seria então o próprio colonialismo um desafio a Deus?¹⁸ Este tipo de perguntas são de importância essencial na luta contra as doenças febris. Não se pode, por isso, dissociar a luta contra a febre-amarela da política colonial. Só depois de se conseguirem controlar as doenças tropicais é que o colonialismo poderia ser levado avante de forma sistemática nas regiões dos trópicos, legitimado-o com o argumento racista de que o homem branco - e só ele - tinha o dever de completar a criação de Deus. Não é de estranhar, por isso, que intelectuais anti-colonialistas, como Franz Fanon em *Les Damnés de la terre* (1961), criticassem a luta contra as doenças tropicais como sendo um empreendimento imperialista:

La nature hostile, rétive, foncièrement rebelle est effectivement représentée aux colonies par la brousse, les moustiques, les indigènes et les fièvres. La colonisation est réussie quand toute cette nature indocile, est enfin matée. Chemins de fer à travers la brousse, assèchement des marais, inexistence politique et économique de l'indigénat sont en réalité une seule et même chose. (Fanon 1961:178)

Partindo do exemplo de um país como o Brasil dá para mostrar como a discussão anti-colonialista às vezes era simplista. Na verdade, apesar do Brasil já não ser colónia há muito tempo, a luta contra a febre-amarela não era menos intensa, sendo que as razões não se reduziam ao imperialismo, mas porque a febre constituía um impedimento ao desenvolvimento do país. O que não se pode negar é que a luta contra a febre-amarela passou a ser uma questão de prestígio entre as nações. Pela primeira vez, porém, havia agora países que ainda há pouco tempo eram colónias (o Brasil, o México, Cuba), a competir com as potências europeias. Para estes países, desvendar o segredo da febre-amarela tornou-se numa questão nacional, não apenas por razões de saúde, como também para sublinhar a sua presença (justa) no meio das nações „civilizadas“. Mais do que ver a luta contra a febre-amarela como um empreendimento colonialista, parece-me importante tomar em consideração esta componente reivindicativa por parte de nações que deixaram o colonialismo atrás de si. A tese de Fanon coloca-o, aliás, bem perto de teses racistas que defendem, com base em argumentos „biológicos“, que o branco não devia estar em África, tal como um negro não devia viver na

¹⁶ Charles Darwin defendia, por exemplo, que: „only civilized races resist with impunity the greatest diversities of climate and other changes“, mas era obrigado a admitir que havia uma excepção que parecia contradizer esta sua convicção: „except where a deadly climate gives its aid to the native race“. (Darwin 1859=1959:543ff.)

¹⁷ No século XIX era muito divulgada a convicção de que um europeu que se afastava por demasiado tempo do seu habitat „natural“ corria o risco de sofrer danos físicos, psíquicos e morais incuráveis, (cfr. Stoler 1995:138)

¹⁸ Importantes figuras das „ciências raciais“, como o britânico Robert Knox, argumentavam contra o colonialismo com base em questões raciais, (cfr. Brantlinger 1995:47)

Europa. Outro argumento aqui é que no caso do Brasil, a tese da imunidade não faz sentido, pois o país era já há muito uma grande mistura de raças onde só alguns tinham imunidade contra a doença. Assim sendo, a luta contra a febre-amarela era mais do que uma procura de progresso, era também uma condição para permitir uma mistura de raças e culturas ao nível planetário e para dar a todos, pelo menos em teoria, a possibilidade de viver onde mais lhes apetecia. Era, portanto, um passo importantíssimo para a globalização. Não é de estranhar, por isso, que os viajantes europeus que passaram pelo Brasil se tenham deixado entusiasmar pela luta do país contra o terrível mosquito.

Como já foi referido, nos anos 80 do século XIX, Finlay tinha estabelecido uma ligação directa entre a febre-amarela e o mosquito. A sua tese, porém, não recebeu a devida atenção uma vez que a grande maioria dos cientistas da época se concentravam, influenciados pelos sucessos de Louis Pasteur, na investigação bacteriológica. O mundo científico parecia estar convicto de que o causador da febre era um micróbio que entrava no corpo humano pela boca ou pelo nariz. Foi só com Ronald Ross, oficial no corpo de medicina do exército britânico e investigador de malária, que se voltou a relacionar o mosquito com doenças febris. Com as suas experiências, Ross conseguiu provar em 1897 que a malária era transmitida pelo mosquito. A partir daí, demorou ainda três anos até se impor a convicção de que, em relação à febre-amarela, acontecia o mesmo. Foram então enviadas comissões britânicas (Durham, Meyers) e norte-americanas (Carroll, Agramonte, Lazear, Reed) para Cuba com o objectivo de ali se encontrarem com Finlay. Descobriram rapidamente que a febre-amarela não era causada por um micróbio ou um veneno qualquer, mas sim por um vírus. Este vírus é transmitido de homem para homem (ou para outros mamíferos) pelo mosquito e a sua incubação ocorre no próprio corpo do mosquito. O que faltava era a prova final. Todos os cientistas se apressaram então a trazer ao público a prova definitiva para assim ganhar para si e para a sua nação os louros de ser o „descobridor" da causa da febre-amarela. Devido à sua precipitação e imprudência, Lazear foi mordido por um mosquito e morreu poucos dias depois. Foi Reed quem se impôs e que, a partir daí, se preocupou o resto da sua vida a minimizar o papel dos outros, e inclusivamente o de Finlay. (cfr. Delaporte 1991:125ff.) A questão deu até origem a uma guerra de propaganda entre Cuba e os Estados Unidos sobre quem deveria entrar na história como descobridor da causa da febre-amarela. Reed alegava ter sido ele o primeiro a provar cientificamente a incubação e a propagação da doença e que os seus resultados em nada se baseavam em Finlay. Este, por sua vez, sublinhava que a comissão norte-americana nunca teria conseguido provar nada sem as suas informações e dizia estar mais do que convicto de que „chegaria o dia em que os mosquitos com o seu pequeno trompete cantariam a sua glória pelo mundo todo", (*apud* Delaporte 1991:126) Dependendo da relação política entre os Estados Unidos e Cuba seguia também a discussão sobre a febre-amarela. Numa altura em que convinha aos Estados Unidos perfilar-se como aliado de Cuba na sua política independentista perante a Espanha, podiam-se ler anúncios do tipo: „The confirmation of Dr. Finlay's doctrine is the greatest step forward made by the medical sciences since Jenner's discovery of the vaccination; this accomplishment alone justifies the war against Spain". (*apud* Delaporte 1991:137) Quando ficou claro que os Estados Unidos pretendiam fazer de Cuba um protectorado seu, Finlay tornou-se não só num símbolo cubano da luta contra a febre-amarela, mas sim da luta contra o imperialismo norte-americano.

Uma vez que a ciência brasileira não conseguiu obter nenhuma honra internacional no descobrimento da causa da febre-amarela, o país queria, pelo menos no combate à doença, mostrar ao mundo de que era capaz. A situação era grave e urgente, pois, em 1901, a febre-amarela voltou a atacar com toda a força, causando, só no Rio, mais de 2.000 vítimas. Quem tinha dinheiro, mudava-se para Petrópolis e firmas estrangeiras eram obrigadas a pagar fortunas para manter os seus representantes no Rio. Num dos seus primeiros discursos como presidente dos Estados Unidos do Brasil, Rodrigues Alves defendia, por isso, que: „Enquanto houver febre-amarela, não haverá progresso". Rodrigues Alves já não falava em Juta", mas sim em „guerra"; com ele, o Brasil iria declarar guerra ao mosquito. Tratava-se de uma guerra cujo general se chamava Oswaldo Cruz. Para tirar as últimas dúvidas, Cruz arriscou a sua própria vida, deixando que mosquitos infectados o picassem. Depois de ter a certeza de que os mosquitos eram mesmo os propagadores da doença, decidiu exterminar os focos dos mosquitos, secando todas as águas paradas de pouca profundidade ou então deitando petróleo nelas para depois as incendiar. Para evitar que os navios arrastassem novamente

consigo a doença, eram todos colocados de quarentena em frente à costa do Rio, junto à Ilha das Flores. O plano de Cruz não só era extremamente caro, como também era complicadíssimo de ser levado a cabo de forma abrangente, já que isto implicava entrar em todas as casas particulares da cidade, uma vez que cada poço de água e até um simples vaso podiam ser um foco de mosquitos.

Quando Cruz obteve, em 1903, a aprovação e o apoio do governo para os seus planos ambiciosos, a classe médica brasileira, e, juntamente com ela, a opinião pública, viraram-se contra ele. Alegavam que Cruz se tinha, deixado influenciar por ideias vindas do estrangeiro que não correspondiam aos problemas brasileiros. Em vez de caçar inofensivos mosquitos, devia-se sim isolar os doentes e desinfetar as suas casas para evitar o contágio da doença. Foram muitos, aqueles que resistiram armados contra a entrada na sua casa das „Brigadas da Febre-amarela" e só com um elevado reforço policial foi possível ir para frente com o plano. Mas Cruz queria mais, em 1904 exigiu até uma vacina obrigatória para toda a população brasileira. Assim perdeu o último restinho de apoio que ainda tinha junto da população: Cruz passou a ser ridicularizado na praça pública e no desfile de carnaval, apareceu num carro alegórico em forma de palhaço gigante. Cruz não se deixou intimidar e insistia na necessidade de uma vacinação. Os protestos então subiram de tom, deram origem a verdadeiras batalhas campais entre manifestantes "anti-Cruz" e a polícia. O ministério da saúde chegou até a ser incendiado, houve mortos e Cruz era obrigado a fugir da sua casa. Mesmo assim, continuava firme, apenas se deixou convencer em relação à sua ideia da vacinação, que passou a considerar como facultativa. Nos anos que se seguiram, Cruz provou que tinha razão: em 1905, apenas 289 morreram de febre-amarela, em 1906, este número baixou para 42, em 1907 para 39, em 1908 para 4 e em 1909, já não se registaram mortes causadas pela febre. O Rio voltou a ser uma cidade saudável e Cruz, aquele que outrora havia sido denominado de „palhaço", era agora festejado como um herói da pátria. Poucos anos depois, com apenas 45 anos, morreu. O seu nome continua a existir no famoso instituto de pesquisa de doenças tropicais, o „Instituto Oswaldo Cruz".

Muitos viajantes suíços da época, todos adeptos convictos do positivismo, relataram ao pormenor a obra feita por Cruz. Fazem de Cruz um grande herói, alguém que deu a sua vida pela boa causa do progresso. É notório que nenhum relato fala do verdadeiro inimigo de Cruz: o mosquito. Todos insistem em ver o inimigo no obscurantismo da opinião pública. No livro *Brésil, terre de amour e de beauté* de Henry Vallotton, embaixador suíço no Rio durante a Segunda Guerra mundial, Cruz surge como um verdadeiro santo, como um Louis Pasteur brasileiro:

Comme Pasteur, Oswaldo Cruz avait reçu une mission de Dieu et il l'avait accomplie: mission d'amour, mission sacrée qui ne supportait aucun retard, aucune diminution, aucune transaction. Pour la mener à chef, Oswaldo Cruz a donné sa vie. Simplement. Comme un soldat qui se sacrifie pour sauver son pays. (Vallotton 1945:259)

Na opinião de Vallotton, foi graças a Oswaldo Cruz que no Rio „l'Enfer sest mué en Paradis". (Vallotton 1945:257) Assim, a cidade maravilhosa voltou a ser um paraíso. Um paraíso, porém, à espera da sua próxima desgraça, pois nem num país do futuro há paraíso sem inferno. É como já dizia o velho Goethe: „Lá onde há muita luz, há sempre também muita sombra".

BIBLIOGRAFIA

- Anderson, William K. (1927): *Malarial Psychoses and Neuroses*, Oxford.
- Brantlinger, Patrick (1995): „Dying races: rationalizing genocide in the nineteenth century", in: Pieterse, Jan N. (Ed.): *The Decolonization of Imagination: Culture*, London/Newjersey.
- Darwin, Charles ([1859] 1959): *The Origin of Species and The Descent of Man*, New York.
- Delaporte, François (1991): *The history of yellow fever: an essay on the birth of tropical medicine*, Cambridge/London.
- Dranmor (1876): „Dranmor", em: Honegger, J.J. (Hg.): *Die poetische Nationalliteratur der deutschen Schweiz*, Glarus.
- Fanon, Franz (1961): *Les Damnés de la terre*, Paris.

- Febvre, Lucien (1953): *Combats pour l'histoire*, Paris.
- Gertsch, Albert (1929): *Premier Centenaire des relations officielles entre la Suisse et le Brésil*, Lausanne, Librairie Payot.
- Göldi, Emil A. (1898): *Eine Naturforscherfahrt nach dem Litoral des Südlichen Guyana zwischen Oyapock und Amazonenstrom*, St. Gallen.
- Göldi, Emil A. (1905): „*Stegomyia fasciata*: der das Gelbfieber übertragende Mosquito“, in: *Extrait des comptes rendus du 6me. congrès International de zoologie*, Bern.
- Greenblatt, Stephen (1991): *Marvelous Possessions: The Wonder of the New World*, The University of Chicago Press.
- Heye, Arthur (1929): *Filmjagd auf Kolibris und Faultiere: Nach brasilianischen Tagebuchblättern eines Kurbelmannes*, Berlin.
- Parkman, Francis (1865): *Pioneers of France in the New World*, Boston.
- Schär, Leonhard (1892): *Reise und Abenteuer eines Schweizer-Colonisten in Brasilien*, Arbon.
- Schazmann, Paul-Emile (1956): *Johann Jakob von Tschudi: Forscher, Arzt, Diplomat*, Zurich.
- Stoler, Ann (1995): „Mixed-bloods and the cultural politics of European identity in colonial Southeast Asia“, in: Pieterse, Jan N. (Ed.): *The Decolonization of Imagination*, London/New Jersey.
- Tschudi, Johann Jakob von ([1869] 1971): *Reisen durch Südamerika*, Tomo I, II, III e IV, Stuttgart.
- Vallotton, Henry (1945): *Brésil: terre d'aniour et de beauté*, Lausanne.
- White, Hayden (1986): *Tropics of Discourse*, New York.